



Centro de Responsabilidade Integrado Cérebro-Cardiovascular do Alentejo, em Évora, uma aposta na descentralização dos cuidados médicos

Artigo escrito pelo Professor Doutor Lino Patrício, Diretor do Departamento Cérebro-cardiovascular do HESE e do CRIA

A nossa sociedade de informação, na sua voracidade informativa, esquece todos os dias os temas não diários e, portanto, tem a necessidade de criar “os dias comemorativos”, que lembram a importância de alguns temas. A 29 de Setembro assinalou-se o dia mundial do coração, que chama a atenção para a doença com maior mortalidade no mundo ocidental e os doentes que sofrem dessa patologia, a doença cardíaca.

O Centro de Responsabilidade Integrado Cérebro-Cardiovascular do Alentejo (CRIA) do Hospital do Espírito Santo de Évora EPE (HESE) decidiu organizar, nesta data, um evento com doentes no magnífico espaço, cedido pela Câmara Municipal de Évora, que é o Palácio D. Manuel.

Quando falamos de doenças, estas adquirem uma personalidade, pela necessidade de diagnóstico e importância da terapêutica, que faz com que essa entidade quase exista per se. Antes, porém, o que existe são doentes que sofrem e vivem a experiência de estar doentes. Decidimos, portanto, assinalar o dia com estas pessoas, para que nos pudessem dizer o que sentiram e como experienciaram a doença e a intervenção nas situações traumáticas, que são: a implantação de uma prótese aórtica percutânea, uma angioplastia coronária ou uma intervenção a um aneurisma da aorta.

Évora, apesar de linda e majestosa, é uma cidade do interior, que em termos de resposta médica tem tido Lisboa como referência. No entanto, hoje, a ultra diferenciação médica exige casuística e meios que não têm sido dados ao interior do país. A rede de autoestradas criadas não foi suficiente para a descentralização dos cuidados médicos. E, num ambiente de centralismo nacional, que não promoveu uma política de fixação de populações no interior, só a criação de diferenciação pode reverter a política centrípeta de desertificação interior destas zonas.

Hoje, no interior, temos populações muito idosas, com uma enorme necessidade de cuidados médicos muito diferenciados. Sem uma política que inclua profissionais e projetos diferenciados, de proximidade, continuaremos a ter hospitais que oferecem cuidados básicos e Lisboa como referência. Para consolidar essa diferenciação é necessário trazer para o interior do país projetos inovadores, atrativos, de qualidade e que atraiam profissionais e promovam a verdadeira descentralização.

Na semana em que se assinalou o dia do doente cardíaco tinham sido efetuados no CRIA implantes de válvulas aórtica percutâneas, uma cirurgia cardíaca à válvula aórtica e próteses endovasculares toraco-abdominais. Estes são procedimentos muito diferenciados, que não existem em nenhum Hospital fora de Lisboa, do Porto ou de Coimbra. Essa realidade, que muito nos orgulha, deve servir de exemplo para outras atividades médicas e ser a base de implementação do novo Hospital Central do Alentejo.

Durante a sessão, foi com muito orgulho e satisfação que ouvimos os relatos das experiências vividas por um doente que necessitava de uma prótese aórtica e cujo cardiologista assistente o enviou para o HESE. Habitado a associar a diferenciação à capital, ele retorquiu: "mas isso faz-se aqui no Alentejo? Não é preciso ir a Lisboa?". No dia 29 de setembro, passado um ano e no alto dos seus 84 anos, lá estava ele connosco, no Palácio D. Manuel, a dizer: "gostaria que todos soubessem que estas intervenções complexas também se fazem em Évora".

Teremos um Hospital Central no Alentejo - não quererá dizer que se irá localizar no Centro da região, mas significa que será o mais diferenciado, inovador e moderno do país. Se assim for, estaremos a descentralizar os cuidados de saúde, caso contrário, estaremos a desperdiçar recursos e a perder uma oportunidade para criarmos coesão social e territorial e para exercermos a democracia.